



O MEIRINHO.

JORNAL CRITICO E LITTERARIO.

ANNO XI

NUMERO 293

Quinta-feira (Publica-se uma vez por semana e subscreve-se nesta) SERIE
19 | Typ. a 1\$000 réis por uma serie de 4 numeros | 64.*

O MEIRINHO.

Fortaleza, 19 de Julho de 1883.

IMMOLACAO.

Em quanto o desenvolvimento d'esta província vai se mostrando as vistas de todos os povos civilizados d'este e d'aquelle paiz, uma simi-raça de nossa parte se envolve capiozamente, aos predados mais tristes e horripilantes que imaginam pôr le o cerebro humano.

Não desejamos, nem queremos ser, por meios de tais commentários, as ferulas para aqueles que, extranaturalmente, eram; porém não deixar podemos de deltar as vistas, acompanhadas as severas seguras, sobre aqueles que não, verdadeiramente se abraçam ao direit; fugindo a razão; representando assim, perante seos semelhantes o triste e horrozo papel de maia dos instrumentos, para aqueles que, arremegam o bem, buscando, tão sómente, a vergonha e a immoralidade.

E assim que, domingo 8 do corrente mes procedeo-se em à rezilencia do bestunto e pestilento Lucy, a ardilosa cerimonia baptismal sob os Christãos seguintes:

Albino José de Farias, sua mulher e duas cunhadas, Flávio Magno, Manoel Francisco Braga, Francisco Alves Ferreira, Souza Melo e um filho, Joaquim de tal

E dirão estes que o direito têm, livremente, de pensar.

O jornal, poréu, verdadeira polícia, & relativa e legitima Lei holliena, potente sentinelha da luz Litteraria, tem em si os meios sanctos: — combater falsos abusos e rezicar o caibro libidinoso atirado pela mão maligna d'algum impa e benditoza do inocente.

Quando por meio d'esta imensa espada — a pena, não si alcançar poder o fim desejado que cacetamos, corra-

mos, ainda á outro principio — o silêncio, este mais salutar para os caracteres apurados, que não se entregam ao abuso, nem por phisicas sympathias vendem o pudor, a dignidade.

Lançar á profundo de nosso coração aquillo que não volvoe as raizes de nossos primévos! ? É horripilantemente irriázio!

Tenhamos sempre aquellas mesmas crengs que hontimos ao sentir uma razão e compreender o mundo, dos labios sancionados d'uma mãe.

Busquemos as modas, mas não, matar a nossa consciencia, negando o natural puder — à Religião Christã, que ansiada foi ao coração de nossos primeiros paes.

LITTERATURA.

Teos encantos.

Luizinha, meo anginho,
São muito doces teos rizos;
São notas... são alvoradas...
São mundos... são paraizos,
Os teos rizos,
Luizinha ! .

Luizinha, mimozinho,
São tão suaves teos beijos,
Que me matao de amores,
Que me matao de desejos,
Os teos beijos,
Luizinha !

Luizinha, meo a giubo
São muito brios teos olhos ! ...
São estrelas, são sereias,
São dois astros, dois abrochos,
Os teos olhos
Luizinha !

Luizinha, pura imagem,
São muito bons teos seios ! ...
Ondeas ! voluptuosos,
São rara as de ancelos !

Os teos olhos,
Luizinha !
Virgilio.

ALBUM DA CRITICA.

Dá licença, seo Maia?

Por um d'estes enganos d'um Antonio Mathias, você faz como o vae não torna de Pedro Malzart com a dus a de chapéos do Lue!..

Isso é lá casuado, seo pintado!

Porque você não deixou seo mao costume no Belurit?

Vá elle!

§

A cynica, descarada da cara de couro de pizar tabaco — ex-barata de Janjão Parrieguss, depois de, n'esta capital, ter largado seus sortimentos de mocidade, foi ao Para, d'alli voltou trazendo em sua compagnia um segundo João e com este tem, nos lugares mais publicos d'esta terra, enterrado a cara de tal sorte, a fazer vergonha as bellezas da rua do Rozario.

Deixe-se de porqueira, seo trosso!..

§

Mané Coco, é o ente mais bem acabado que ha n'esta terra!

Depois de ter feito mão baixa nos cobres dos calzeiros, estes confiados a sua espocada figura, passou a ser credo do Club e de todos os hoteis, onde vae fazendo seus arranjos, menos no do bruto Hypolito, porque .. é como diz o adagio:

« Duro com duro, não faz boim mo-

ro. »

Duro, Mané Coco, com os teos egua-

§

Bravos das botas.

Temos gostado, capitão, de velo com botas e tudo, repetindo d'um cavalo do Liberalipo, encetando a humildade, e, de quando em vez, soltando os versinhos seguintes:

Oh! Marilia não sou algum vaqueiro,
Que viva de guardar alheio o gado.

Tudo isso é muito bom, meu capitão:
mas esse negocio de botas .. não é com
nós, e sim com o Queiroz.

Arruma-te, cabra velho.

§

Totonio da botica, aquelle mesmo que mandou, dos ossos do velho, fazer bolão, preparamos para botoadura tão

forte para os boisos do pobre Arcadio, (Já vou seo Rodrigues) a ponto do freguez ter-se apertado pelas campinas d'esta provicia, e arranjando nada, o que o velho do Totonio deixou.

Bonita caballa, seo commendada — dói!
De pé espalhado ! !

§

São couzas d'este mundo:

Noite de S. João, em uma reuniao de familia, achando-se certo typo já bastante encapotado no perú, dirigiu-se a uiva senhora, d'esta forma:

Minha senhora, V. Exc^a está ex-pleadida de belleza e tão florida, que, mesmo de perto, parece um canteiro.

— Oh! V. S.^a tem comparações bem espirituosas, e creia que quando o vi tão cheio de espirito, disse, com meos bolões, lá vem uma adega.

Eis que massou se o gaiato fugindo d'alli guiado apenas, por sua estrela ! !

§

Pela impressa.

Liberdator sahindo a meia noite, em lugar de sahir a tarde, como diz em seu programma, apparece cheio de chapas e mais se destacando um anuncio sob a epigraphe: um cavallo tendo a seos quartos um Dr. sewana, convindando meninos para venderem o nocturno journal!

Cearense, Gazeta do Norte, Pedro II e Constituição, estão frios como a lagrima do arrependimento.

O Sol, colado! permanece entre nuvens tão densas como o ser alcoholizado de mestre Collabas!

§

Existe, no 11 Batalhão de Infantaria, certas couzas pela 5.^a compagnia que causa vojo, vomitos e até arripios entre os coiros. Estamos aguardados para, na primeira occasião, mostrar ao tal prototípico da falicidade que o seo procedimento é elatitudinario ao das cazeiras dos seos camaradas.

Aíde mais.

§

Sr. Thomaz da Praia, porque você tem sua bodega de boccas esconjuradas até as horas mortas da noite, conservando nos beicos d'esta uma calu-salha de debochados, que perturbão o sucego,

publico com cantigas obscenas?
Será porque você seja privilegiado?
Enfim a culpa não é sua, é da tal
polícia.

§

Senhora Câmara, é preciso que Vai
disperte os seus fiscares, que dormem o
sonho do Indifferentismo, enquanto
que as ruas d'esta capital se achão tão
luminosas como a boca de qualquer
covil.

Oito vivo com o espertalhão do con-
trabante.

Luchando!?

§

Gostos ignigmaticos.

Brevemente o seu — T
Se massará com — o A,
E depois, o verbo V
Com força applicará!
E bem forte ha-rá — o G
Com fogo pegar-se — ao Q,
Que desmantelado — no S!
Ninguém se metta com — o P;
Do contrario, ha-de ver
Como a scena lh'ó apparece!

Significado.

T: o Theotonio, se massará com o
— A, assignante sacerdócio lh'ó, V, o
verbo, G, grande de tal forma, Q,
que, desmantelando um, S, suspiro
do esquecimento, espera que, P, pa-
guem a serie; do contrario hão de ver
como a scena lh'ó apparece.

§

A metade do cavallizo e ceboco Lacy,
começo uma tão grande feijoada, que
está gorduchia pelos peitos d'um capitão
de porto! Diabos a leve, lá para onde
foi o Pedro Botelho.

Poeta Melio, o que faz você agora?
Serve ou não, de parteiro, meo lolro?
Lave os pés, galego podre.

§

Baptizou se o Albinho Secó-bai! Gra-
nde miserria, minha gente! Depois que
o seu cunhado Flavio — boca de áz de
copas deu uma pistolecada, na pim-
ma, (canha) o cavallo do capão dentista
derrubou o verbo bruto, e, immedia-
tamente, pediu ao senhor Lacy, que
pela chaga da velha o baptizasse.
Te descoujuramos, capão!

§

Na rua do Coude de Ru em casa da
baroneza, dança-se, esfrega-se, pra-
tica-se toda sorte de immoralidades,
sem se temer que veia por ali o es-
trafalario capitão de barca?

A Senhá, boca de chupar canção,
anda melancólica porque o capitão não
vai mais orinar no pé do alho para
não secar.

As megeras são safadas!

§

O Albinho Secó-bai, teve um movimento
de tal sorte que e terrou filhos e mu-
lher no baxo de seu amo Lacy! Que
tipo descarado e sem cerimonia, além
de ser gueludo, com licença de S. Pe-
dro!

Dá-lh'ó, safadeza.

§

Ainda proezas de Lacy.

No 3º plano do Passeio Público d'esta
capital, presenciamos um facto bastante
gaiato de dois estudantes, que diziam ao
extremundinho Lacy, si elle achava-se em
estado de baptizar um cachorro que n'quelle
occazião se tinha n'aquelle lugar: o
bruto g lego vio-se tão atrapalhado com
o diterio dos estudantes, apunto de errar
o caminho, e intarrar-se pelas sujas aguas
do Maceió, molhando, até, as abas da
cacaça!

Arre, judeus!

GALERIA DO POVO.

Modo de pedir moça em casamento.

(Do original.)

Mia cuada Luzia

Mulungu

Mando pregunto coma você passó a noite
donte pra cá.

Mande dize coma você se foi da viage do
garrote pra Mulungu, você so foi a pé
porque aqui não é Pernambuco, simão ia
a bonda, agora mando pregunto se esta só
errada você entende lá que é muié pra
sabê le

Mando prigunto se você cé casá com o
seu cabra Manoel Vicente Leca nano dó es-
falecido defunto e charado seu marido

Carta escrivida tem resposta

São amô

Manoel Vicente Leca.

†

NÃO GOSTO...

— de certo *typo*

Da rua do Senador,
Que *amolla* a uma menina,
A quem hinge ter amor.

E o *typo* já deu na *typa*
Tão lemozo e fresco *unto*,
Qu'ella está bem se fiando
Em sapatos de defunto.

— de um *caixearinho*

Meio rico e meio pobre,
Que a todo e qualquer disbo
O seu namoro descobre...

Um ente tão linguarudo,
Mais ardente do que alho,
Devia ser baptizado
Por — *Sr. Dr. Chocalho.*

— de um *caladinho*,

Moço sonso, mas manhozo,
Que tem com certa menina
Um namoro bem fogozo,

O que dá-lhe prejuizo (!!),
Porque o pai da menina
Entendeu que a sua bolça
Devia ser uma — *mina!*

— de um *empregado*,
Empregado e estudante,
Cujo dito — em certa rua
Também tem a sua amante.

Ha quem diga qu'este *meco*
Deu os livros p'ra *esquife*,
E que deu! ?, está provado,
Pois tem *asco* do *recife*.

— de uma moça *titiá*,
Que namora à — *pé de gallo* —
Porque é capaz de um dia
Enganar-se com o Gonçalho.

Quer o leitor conhecê-a?
Lá vai o retrato seu:
É alta!... (*Chiton!*) Tem caza
Na rua do seu *Pompeu*!

— de velha ou moça,

Moça-velha, ou couza assim.
Que diz: *Eu só vou á bailes...*
Mas é *secca* por *chinfrin*.

Destas eu conheço muitas,
Umas'té bem *dancadeiras*,
Que — quando não fazem renda
Servem de... *alcoviteiras!*

— de homem casado,
Barbado!... *Boca de ninho...*
Que quando vê uma moça
Fica tudo dengozinho...

Um sujeito d'esta ordem
Merece ser *flautelado*,
Porque só pode — *por mitra*,
Fazer namoro — *furtado*!

— de menino de quilate
Do Zé Padi'ha — seu juda,
Porque o povo lhe chama
O... seo... canário — sem muda.

E tem o povo razão!
Tem razão e muito fina!
Pois o Zé só tem um *frack*
Pra visitar a menina.

— de seo Carneiro
D. preta — Chica Charuto,
Pois pretende vel-o em breve
Feito praça do *Canuto*.

Quer ser gente boa e nobre!...
Quer stê ter hierarchia!...
Men Carneiro, cria lá,
Pois foste *forro na pia*.

†

O CAVALLO CANTE.

Vamos fazer ao publico a apresentação
do profano *soldado* do Batalhão coman-
dedo pelo Coronel J. C., para que seja
expulso de certas cidades de famílias, em
cujo contacto não poderá estar um veste
seroula.

O Sr. Cadete Cavallo Conte é um mo-
ço cujas signaes caracteristicas são os se-
guintes: baixa estatura, magro, (agora
porque está phibizico) olhos pretos, testa
espaçoza, cabellos pretos, corridos, rosto
de mulher faceira, seus gestos são ofini-
nados, traja calça, collete e pollito azul,
passeia todos os dias no bond, a custa de
um conductor de quem é pasciente.

Eis ahi o retrato do moço mais celebre
que tem pizado o solo Cearense, pela sua
inteira negação para sexo masculino.

Adeos Totonha.

O treo onça.